

O QUE DIZEM OS ESTUDANTES SOBRE OS ESPAÇOS DE ENSINO?

Carla Heloísa Schwarzer¹, Simone Beatriz Reckziegel Henckes², Andreia Aparecida

Guimarães Strohschoen³

RESUMO

O presente estudo aborda o estudo dos espaços não formais de ensino que são considerados locais externos às escolas, a exemplo de parques, museus, zoológicos, rios, praias, ruas, planetários, entre muitos outros locais considerados oportunos para estudos. Nesta investigação, objetivou-se compreender como estudantes de escolas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental têm percebido e utilizado os espaços não formais de ensino disponíveis (institucionalizados e não institucionalizados). Para isso, foram realizados grupos focais com estudantes utilizando fotografias de diferentes ambientes como disparadores das discussões. Também solicitou-se aos estudantes desenhos elaborados a partir de uma questão disparadora sobre espaços não formais de ensino. A pesquisa teve caráter qualitativo, exploratório e descritivo. Foram utilizadas aproximações com a Análise de Conteúdo de Bardin (2016) para análise dos dados, o que permitiu a criação de duas categorias, “percepções e usos dos espaços disponíveis” e “afetividade nas práticas educativas”. Observou-se que os estudantes têm como sinônimo “aula” e “sala de aula”, além de que motivação e felicidade são despertadas por práticas educativas realizadas nesses espaços, evidenciando-se a forte relação entre família, amigos e aprendizado. Neste trabalho, observou-se o quanto os diferentes espaços são importantes aliados das aulas, possibilitando novas vivências e experiências aos estudantes.

Palavras-chave: Aprendizagem, Aula, Ensino, Espaços não formais.

WHAT DO STUDENTS SAY ABOUT LEARNING SPACES?

¹ Bacharel em Psicologia pela Universidade do Vale do Taquari - Univates. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9647-6078>. E-mail: carla.schwarzer@universo.univates.br.

² Doutoranda e Mestre em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari - Univates. Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1086-5281>. E-mail: simone.henckes@univates.br.

³ Doutora em Ciências: Ecologia e Mestre em Biologia Animal pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Especialista em Planejamento e Gestão Ambiental e Licenciada em Biologia pelo Centro Universitário Univates. Professora vinculada ao Programa de Doutorado e Mestrado em Ensino (PPGEnsino) e Programa de Doutorado e Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas (PPGECE) da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES e atua junto ao INEP na avaliação de Cursos de Graduação. E-mail: aaguim@univates.br.

ABSTRACT

The present study addresses the following topic, non-formal teaching spaces that are considered external places of schools, such as parks, museums, zoos, rivers, beaches, streets, planetariums, among many other places considered opportune for studies. In this investigation, the objective was to understand how students from Kindergarten and Elementary Schools have perceived and used the available non-formal teaching spaces (institutionalized and non-institutionalized). For this, focus groups were carried out using photographs and students were asked to draw drawings based on a triggering question. The research had a qualitative, exploratory and descriptive character. Bardin's Content Analysis (2016) was used to analyze the data, which allowed the creation of two categories, "perceptions and uses of available spaces" and "affection in educational practices". It was observed that students have as synonyms "class" and "classroom", in addition to that motivation and happiness are awakened by educational practices carried out in these spaces, and the strong relationship between family, friends and learning was evidenced. In this study, it was found that spaces are important allies of the so-called traditional classes, enabling new experiences and experiences for students.

Keywords: Learning, Classroom, Teaching, Non-formal spaces.

INTRODUÇÃO

Espaços podem ser caracterizados por sua dimensão física e estrutural, ou seja: aquilo que fica visível a olho nu, que é da ordem da materialidade concreta, mas também podem ser marcados por sua qualidade estética e social, adentrando a dimensão simbólica, afetiva e dos significados (RIBEIRO, 2004). Pensando a escola em relação à temática "espaços", verifica-se a existência de significativo material científico esclarecendo as especificidades necessárias para que um espaço, nomeadamente a sala de aula, auxilie no processo de ensino e aprendizagem, tais como a disposição das mesas e cadeiras, dos brinquedos, da iluminação e a funcionalidade do ambiente em termos pedagógicos (FARIA FILHO; VIDAL, 2000; RIBEIRO, 2004).

Já no caráter simbólico, Ribeiro (2004) pontua o quanto os espaços têm relação com as experiências vividas pelos sujeitos, afetivas, sensoriais, culturais, contendo significados e símbolos e que podem ser utilizados para pensar as práticas pedagógicas. A autora acrescenta a importância do estudante construir um sentido

para aquele espaço a partir da interação e da dinâmica entre estudante e espaço, das opiniões formadas, das experiências adquiridas tendo em vista especialmente o aprendizado e seu desenvolvimento (RIBEIRO, 2004).

Observa-se que o espaço da aula é um ambiente permeado por práticas pedagógicas proporcionadas aos estudantes cujo intuito é ensinar e aprender para produção e expressão de sentidos, seja este um espaço físico estruturado de uma instituição escolar, como a sala de aula, seja um espaço não convencional fora dos limites geográficos da escola (RIBEIRO, 2004; VEIGA, 2012).

Os espaços de vivências educativas como a aula caracterizam-se pelos significados simbólicos e culturais intrínsecos a ele, pela valorização das subjetividades e dos sentimentos e emoções, pela interação entre os discentes na descoberta de conhecimentos novos, por estimular a curiosidade e autonomia e os desafiá-los a (re)construir-se enquanto cidadãos reflexivos (BRAZ; SILVEIRA, 2014; RIBEIRO; RIBEIRO, 2011; VEIGA, 2012).

Considerando esta relação entre espaço, escola, estudante, ensino e aprendizagem, produziu-se o presente estudo. O objetivo foi compreender como os estudantes da Educação Infantil e Ensino Fundamental de um município do interior do Estado do Rio Grande do Sul percebem e utilizam os espaços de ensino. Esta pesquisa faz parte do projeto “Princípio da Investigação e Pedagogia Empreendedora” onde integra o subgrupo que discute sobre os espaços não formais e a alfabetização científica. Cumpre, então, destacar que esta pesquisa foi realizada com a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, pois são estes os níveis de ensino que o grupo vem pesquisando. Ademais, possui convênio com a Secretaria de Educação do Município. O grupo de pesquisa percebe a importância de investigar a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, pois são as bases para o aprimoramento do ensino e as interações sociais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os espaços não formais (ENF) são caracterizados pelo desenvolvimento de atividades educativas fora dos muros físicos da escola, que nem sempre tem sua função primeira voltada para o ensino e aprendizagem, mas com organização e planejamento haverá possibilidade de serem realizadas ações educativas (OLIVEIRA; GASTAL, 2009). Ribeiro (2013) afirma, a respeito, que a aula realizada em ENF gera mais motivação, uma vez que estes criam expectativas acerca do que pode ocorrer no espaço, além de aproximar os conteúdos estudados em aula com a realidade deles, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa e para desenvolvimento do saber crítico e reflexivo ao despertar a curiosidade e criatividade dos estudantes sobre o ambiente estudado.

Para Silva e Robaina (2022, p. 71) utilizar dos “ENFs para o ensino e aprendizagem em Ciências da Natureza também pressupõe o cuidado de planejar e organizar a atividade pretendida em consonância de uma educação que aglutine uma diversidade de saberes e conhecimentos vindos de diversos tempos, espaços e locais”. Quando os espaços são bem aproveitados, organizados e combinados os ENF’s recebem outro caráter educador e formativo (SILVA *et al.*, 2021), potencializando um ensino com mais qualidade e mais próximo com a realidade dos estudantes.

Jacobucci (2008) categoriza em ENF institucionalizados ambientes com estrutura física e organização prévia, em que há a intencionalidade educativa com a presença de monitores ou guias responsáveis, tais como Museus, Jardins Botânicos, Jardins Zoológicos. E não institucionalizados, locais naturais ou urbanos sem estruturação física previamente organizada para ações de aprendizagem, porém com planejamento haverá possibilidade de realização de atividades no local. Estes são rua, cinema, teatro, praças, campo de futebol.

Rocha e Terán (2010) expressam em seu texto a importância dos professores em não institucionalizar os ENF quando propiciar ações educativas nestes espaços. Isso significa não somente elaborar perguntas para que sejam respondidas no decorrer da aula no ENF, mas justamente que a experiência dos estudantes no

referido espaço oportunize questionamentos e reflexões, a aproximação com o meio ambiente, com os valores culturais, “afetiva e social da atividade extramuros escolares” (ROCHA; TERÁN, 2010, p. 44).

A fim de verificar o que tem sido realizado de pesquisas de 2016 a 2020 sobre os espaços não formais na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, realizou-se uma busca no portal de periódicos da CAPES, onde os descritores foram os seguintes, espaços não formais (denominação na Língua Portuguesa) e *non-formal spaces* (Língua Inglesa). No quadro 1, foram listados seis trabalhos que se aproximam dos estudos do grupo de pesquisa.

Quadro 1. Trabalhos com a temática dos espaços não formais

Título	Autores	Revista	Objetivo(s)	Aporte teórico	Resultados
Os espaços não formais Amazônicos como potencializadores de aprendizagem para o ensino de Ciências: uma perspectiva a partir da teoria fundamentada	Andreza Rayane de Holanda Reis Cirlande Cabral da Silva	Investigações em Ensino de Ciências	Compreender a aprendizagem de Ciências a partir da percepção dos alunos quando visitam esses espaços investigações em Ensino de Ciências	Delizoico v (2008) Lorenzetti (2002; 2008) Bujes (2001) Kramer (2007) Rosa (2001)	Observaram que os estudantes sentem curiosidade em aprender diversos conteúdos abordados nos ENF's, além de destacar que a aula, de um modo geral, fará com que eles obtenham êxito nas provas. Verificaram que a aprendizagem afetiva ou apreciativa predominou nas aulas nos espaços não formais
Trabalhando com Educação em saúde em espaços não-formais de ensino e aprendizagem	Adriano Lopes Romero Daniele da Silva Bruno Pereira Gabriel Rafaelle Bonzanini Romero	Arquivo do Mundo	Relato de experiência acerca do desenvolvimento de oficinas temáticas, elaboradas com base nos nove eventos instrucionais de Robert Gagné, sobre Educação em Saúde realizadas com crianças e adolescentes assistidas por	Mohr (2002)	Ao analisar as produções das crianças e adolescentes obtiveram evidências de aprendizagens dos tipos informação verbal, estratégias cognitivas, habilidades intelectuais e atitudinais

			Centros de Convivência de uma cidade do interior do Paraná.		
A Percepção dos professores de uma escola municipal de Boa Vista Roraima, sobre a utilização dos espaços não formais de ensino na educação infantil	Rosana Cléia de Carvalho Chaves Arthur Philiphe Candido de Magalhães Henrique César Lopes Ricardo Daniell Prestes Jacaúna Ivanise Maria Rizzatti	Boletim do Museu Integrado de Roraima/BO LMIRR	Analisar a percepção dos professores de uma Escola Municipal de Boa Vista/RR, sobre Espaços não Formais e as concepções vinculadas com o Ensino de Ciências na Educação Infantil	Jacobucci (2008) Gohn (2010)	Compreendem a importância da exploração de atividades em ambientes diferenciados da sala de aula, inclusive praças e parques. Apenas quatro professoras relataram já ter utilizado diferentes espaços educativos para o desenvolvimento de atividades com seus alunos. Observaram a necessidade de se rediscutir e executar atividades pedagógicas dentro de uma perspectiva inovadora, desafiadora e significativa promovendo a vinculação do ensino de Ciências à alfabetização científica.
Conectando saberes na formação docente campesina em espaços não Formais por meio do ensino de Ciências	Veruschka Silva Santos Melo Ariadne da Costa Peres Contente	Nova Revista Amazônica	Compreender como os espaços não formais de ensino podem contribuir para a conexão dos saberes científicos e da tradição para a formação de professores que educam no campo nos anos iniciais de ensino	Jacobucci (2008) Gohn (2006) Rocha; Terán (2010)	Relataram que ao mirar o ensino de Ciências, através do saber científico e da tradição, é possível romper a visão padronizada da Ciência, o que proporciona um marco importante nos cursos de formação de professores na educação do campo na perspectiva dos espaços não formais de ensino.
A pesquisa em ensino de CTEM e sua interação com aspectos da educação não	Araujo et al.	Caderno Brasileiro de Ensino de Física	Apresentar uma revisão sobre os principais aspectos relacionados à	Cascais; Terán (2006) Cazelli (1999)	A educação não formal e os espaços não formais de Ciências despontam, segundo os autores,

formal e espaços não formais			educação não formal os espaços não formais necessários para a divulgação e popularização das ciências em geral.	Chelini; Lopes (2008) Coimbra-Araújo (2017) Gohn (2008) Marandino (2005)	como laboratórios férteis para o desenvolvimento do próprio ensino formal, complementando-o. Nesse sentido, espaços não formais a exemplo de museus científicos e eventos como as feiras de ciência são definidos, caracterizados e exemplificados.
------------------------------	--	--	---	--	---

Fonte: autores (2021).

De modo geral, os cinco trabalhos apresentam uma contextualização dos espaços não formais, caracterizando-os, propondo alternativas de estudos, revisões da literatura e investigações acerca de concepções do termo. Os artigos demonstram a importância de se trabalhar em espaços não formais, destacando que os alunos se sentem mais motivados, POIS os espaços são ambientes potentes de conhecimento. Henckes e Strohschoen (2018) destacam a relevância dos ENF's para a formação dos sujeitos, e sinalizam para um ensino recheado de conhecimento.

CAMINHOS PERCORRIDOS

A referida pesquisa caracteriza-se como uma atividade acadêmica de cunho qualitativo, pois procura entender as opiniões dos sujeitos participantes e o contexto ocupado por eles, priorizando as particularidades das relações. Designa-se pelo caráter exploratório e descritivo, cujo propósito é observar os fenômenos e situações, analisá-los criteriosamente e formular novas hipóteses para estudos posteriores (MOREIRA; CALEFFE, 2008).

Para a coleta de informações foram utilizadas observações sistemáticas de aulas realizadas em sala de aula e em ENF definidos pelos(as) professores(as) com cinco turmas da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Nas observações, o pesquisador coloca-se à parte do contexto observado, não interferindo nem

interagindo com os sujeitos, pois o objetivo é observar os seus comportamentos e falas (MOREIRA; CALEFFE, 2008). As observações foram registradas em um diário de campo, em que o pesquisador anotou as situações observadas, os detalhes, o que foi verbalizado e o que não foi dito, descrevendo as experiências com a possibilidade de retornar ao escrito, o que auxilia na posterior análise dos dados (BRAZÃO, 2007).

A proposta de mais um instrumento de coleta de dados foi inspirada no trabalho realizado por Silveira *et al.* (2015), em que os pesquisadores propuseram aos estudantes investigados esboçar, por intermédio de um desenho, o que compreendiam por Ciência, utilizando como disparador a pergunta “O que é Ciência para você?”. Os pesquisadores retornaram às escolas para compreender-lhes os pontos de vista sobre Ciência delineados nos desenhos, a fim de equiparar com a pré-análise feita por eles. O presente grupo de pesquisa adaptou a ideia dos referidos pesquisadores para o contexto da nossa investigação, em que foi solicitado aos estudantes de todas as turmas investigadas desenhos elaborados a partir também de uma questão provocadora, sendo esta: “Como seria uma aula interessante para você? Seria dentro ou fora da escola? Onde? Faça um desenho e/ou descreva”. Foram escolhidas pelo grupo fotografias de ENF institucionalizados e não institucionalizados retiradas da Internet e estabelecido um roteiro de perguntas para guiar a discussão em pequenos grupos focais. Tais grupos focais foram organizados no ambiente escolar com crianças e adolescentes voluntários das turmas do Ensino Fundamental, anos iniciais e finais, com a finalidade de ouvir deles sobre os próprios desenhos, além de dispor das fotografias e do roteiro de perguntas nortear a conversa. Os grupos focais tiveram participação de no máximo oito pessoas e o diálogo foi gravado e transcrito.

Rodrigues, Borges e Silva (2014) enfatizam a importância de saber da criança como ela percebe o seu contexto, considerando-a como um sujeito de saberes e adequando os instrumentos científicos de coleta de dados à sua forma de expressão da realidade, sendo os desenhos uma ferramenta coerente. Na mesma ótica, Oliveira-Formosinho (2008) aponta a importância de considerar a criança como protagonista das pesquisas sobre educação e escolas, considerando seus conhecimentos e opiniões, seja por meio de desenhos seja pela fala, pois “tal perspectiva metodológica, que

valoriza a voz e as relações infantis, assenta-se na concepção da criança como ser que vive e tece a história, tem competência e é sensível aos diferentes contextos educativos (...)" (p. 7), acrescenta que a utilização de fotografias auxilia as crianças "apontar para imagens caso sintam alguma dificuldade na comunicação verbal" (p. 22).

No caso da presente pesquisa, ela utilizou-se de fotografias como recurso e método de pesquisa, em que os estudantes pudessem visualizar, por meio das imagens, locais representantes de ENF próximos de sua realidade, pois, de acordo com Velloso e Guimarães (2013), a associação das imagens previamente selecionadas com comunicação verbal contribui para o enriquecimento da discussão, abrindo campo para a imaginação, memória e criatividade dos sujeitos pesquisados. Visando trazer o olhar das crianças para o uso dos ENF's, Pillar (1996) refere que os desenhos são um recurso importante e rico ao dar voz representações das vivências e experiências cotidianas, utilizando do seu imaginário para colocar a realidade cultural e social em forma de uma representação, assim, (re)construir conhecimentos.

A pesquisa obteve anuência das escolas e consentimento voluntário dos pais ou responsáveis pelas crianças por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As observações, grupos focais e desenhos foram realizadas durante o ano de 2019, de acordo com a disponibilidade de horário e agendamento prévio com as professoras e monitoras responsáveis das respectivas turmas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da coleta de dados por meio dos desenhos e grupos focais utilizando fotografias e questões disparadoras, os dados foram analisados pela Análise de Conteúdo de Bardin (2016), que propõe submeter as informações a uma análise criteriosa e minuciosa, em busca da compreensão dos significados por trás das falas, dos sentidos que os sujeitos dão ao que lhes foi questionado. A análise das mensagens permite a criação de categorias sistematizadas pelo critério de semelhança de conteúdo, para posterior interpretação e articulação teórica. A análise

viabilizou a formulação de duas categorias, a saber: “Percepções e usos dos espaços disponíveis” e “Afetividade nas práticas educativas”.

Percepções e usos dos espaços disponíveis

Os estudantes relataram nas discussões dos grupos focais, utilizando-se de fotografias e desenhos, o desconhecimento acerca da terminologia “Espaços não formais”, e em uma tentativa de adivinhar o significado, relacionaram o termo “formal” como algo concreto, finalizado, e associaram “não formal” com um trabalho inacabado. Quando questionados onde mais gostam de ter aula, a grande maioria respondeu que prefere ao ar livre, seja para desenhar em aulas de artes, seja também quanto para aulas de Educação Física ou Matemática, lembrando de atividades já realizadas como a rua, a praça localizada ao lado da escola. A figura 1 apresenta o desenho de um estudante da Educação Infantil em que representa os colegas e a professora no “Caminho Encantando”, um ENF localizado atrás da escola. A criança ilustrou a busca pelo ninho dos ovos de dinossauros, uma das atividades propostas pela professora para trabalhar com as crianças a temática de dinossauro.

Figura 1 - Desenho produzido por um estudante da Educação Infantil



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A mesma resposta foi obtida quando questionados ‘como seria uma aula curiosa e onde’, em que a maioria respondeu que seria em espaços fora da sala e fora

da escola, tal fato apareceu também nos desenhos. Inclusive, alguns estudantes trouxeram que gostariam de ter *“aula de esportes, como qualquer outra matéria, aqui fora. Porque tipo fora a gente pode aprender muito mais coisa do que dentro de uma sala de aula (...) tipo aqui fora tem tanto mais coisa pra gente ver e aprender com objetos, pessoas, animais, qualquer coisinha a gente pode aprender alguma coisa”* (sic). O que demonstra que os estudantes percebem os ENF's como locais significativos para o processo de aprendizagem, abordando inclusive a natureza e os animais como elementos capazes de aperfeiçoar e desenvolver novos conhecimentos, além do caráter atrativo dos ENF's, como referido por Rocha e Terán (2010), os quais proporcionam experiências de aprendizagem e investigação, e eles mesmos podem interagir com o ambiente, denotando uma postura ativa, dinâmica e protagonista do seu processo de aprendizagem.

Importa destacar que *“o meio externo tem um papel muito importante nesse processo, pois é através do meio que a educação científica pode ser estimulada ou inibida”* (TEIXEIRA *et al.*, 2014, p. 45). Podem ser desenvolvidas várias habilidades, entre elas, 'memória' (IZQUIERDO, 2002); 'emoção' (SILVA, 2012) e 'inteligência' (GARDNER, 1994).

Outra questão é o fato do estudante referir não haver uma única disciplina que pode ser organizada e pensada para desenvolver uma atividade no ENF. Eles trazem, então, diversas matérias que poderiam ser elaboradas nos ENF's, como Matemática, Artes, Geografia, Educação Física, Ciências. Como referido em outra fala *“nas aulas de Artes eu gostaria de sair da escola e ir a algum parque que tenha vegetação”* (sic), pois acredita que a sala de aula não é o suficiente para aprender sobre a vegetação. Isso demonstra o caráter ampliado dos ENF's, que promove a interação dos estudantes com o meio, estimulando a investigação e curiosidade (OLIVEIRA; GASTAL, 2009; ROCHA; TERÁN, 2010; SANTOS, 2016). Relataram também que gostam de ter aulas na própria escola e na Univates, trazendo o campo de futebol, a quadra do Complexo Esportivo, a Pista Atlética, os laboratórios de Ciência e a prática do Aprender Experimentando como exemplos nas suas falas e nos desenhos, como mostra a figura 2.

Figura 2 – Desenho representando uma pista atlética, produzido por aluno da Educação Infantil



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Além disso, associaram as fotografias dos ENF's institucionalizados com viagens de estudos propostas pela escola para as Missões, o Museu de Ciências da PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre/RS), o Planetário (localizado em Porto Alegre/RS), o Jardim Botânico de Lajeado/RS, o Parque do Engenho de Lajeado/RS, a Universidade do Vale do Taquari - Univates (localizada em Lajeado/RS), uma viagem ao porto náutico de Rio Grande. Com esse retrato, percebe-se a facilidade dos estudantes de relacionar aula, momentos de aprendizagem e viagens de estudos com os ENF's institucionalizados, locais em que há a intencionalidade do aprendizado (SANTOS, 2016), estrutura física e monitores disponíveis para conduzir a visita com objetivo de aprendizagem (JACOBUCCI, 2008), porém verifica-se a dificuldade dos mesmos estudantes em conceber os ENF's não institucionalizados como pátio, praça e rua, ambientes propícios para ações educativas.

Como expresso pelos estudantes ao associarem o processo de ensino e aprendizagem ocorrendo unicamente na sala de aula e principalmente pela sua estrutura física, ou seja: muitos estudantes não compreendem os ENF's não institucionalizados, nomeadamente, como ambientes em que podem ser desenvolvidas ações educativas, pois não são estruturados fisicamente como uma sala de aula, traduzido pela fala de um dos estudantes: "*não, não tem lugar pra sentar*

ai” (sic), quando sugerido uma aula na rua. Inclusive, quando questionados para escolher das fotos, onde mais gostariam de ter aula, a maioria escolheu o Jardim Botânico, Museu, Jardim Zoológico e sala de informática. Associado a isso, constatou-se que os estudantes têm dificuldades também em considerar as viagens de estudos como aula, trazido em suas falas quando questionado sobre a experiência nas Missões como *“não foi tipo muito uma aula, a gente olhou coisas que a gente poderia estudar”* (sic) e continua com *“(...) lá a gente não escrevia no caderno, mas a gente aprendia olhando as coisas”* (sic). Dessa forma, arrisca-se um questionamento: como se aprende? Qual o significado de aula para os estudantes? O que os faz associarem a aula com somente a estrutura física de uma sala de aula? De que se forma têm trabalhado nas escolas as viagens de estudos e as idas a campo?

Com essas falas, observa-se que os estudantes aglutinam o significado dos termos *“aula”* e *“sala de aula”* e os concebem como sinônimos, porém para Veiga (2012) a sala de aula caracteriza-se pelo espaço físico e estrutural que pode ser utilizada para fins pedagógicos, de acordo com a dinâmica, os métodos e conteúdos empregados pelo professor. Já a aula não está atrelada necessariamente a um espaço físico predeterminado, pois a autora refere ser um espaço de interação, comunicação e troca de conhecimento entre os sujeitos, incentive a criatividade e curiosidade e que produza sentido e significado para os atores inseridos no processo de ensino e aprendizagem (VEIGA, 2012). Logo, a aula pode transcorrer tanto no espaço da sala de aula, nas instituições escolares sob um conjunto de regras e métodos que podem ser ressignificados com o passar dos anos, quanto em espaços fora da escola, dispostos de organizações físicas previamente designadas a ações educativas ou não, pois é na qualidade das relações, da construção de valores sociais e culturais, do compartilhamento de conhecimento e experiências que potencializa a aprendizagem dos sujeitos (RIBEIRO, 2004; RIBEIRO; RIBEIRO, 2011).

Em síntese: a dificuldade de práticas educativas em ENF serem concebidas como aula perpassou a fala de vários alunos ao longo da discussão nos grupos focais e materializou-se nos desenhos, desde arriscar um significado para a expressão *“espaço não formal”* e associá-lo com algo inacabado, ao exemplificar ambientes que

gostariam de ter aulas lembrando apenas de ENF's institucionalizados ou experiências vividas nestes, até perceber a aula como exclusivamente na dinâmica de sala de aula e não uma prática possível de ser feita (e já ter sido feita, porém não entendida por eles como aula) em ENF como a rua, viagens de estudos, ambientes naturais. Mesmo com o auxílio das fotografias ilustrando os ENF's e a explicação dos pesquisadores de que todas as fotografias representam ENF não surgiu de maneira significativa em suas falas a rua, cinema, parques, praças, percebidos pelos estudantes como ambientes de investigação e aprendizagem.

As atividades educativas realizadas nos ENF's durante o estudo e que o grupo de pesquisa pôde acompanhar em forma de observação foram esboçadas nos desenhos das três turmas em que a pesquisa foi realizada. Os estudantes relataram com entusiasmo momentos, quando solicitados para explicar os seus desenhos, em que lembraram das atividades ocorridas nos ENF's, aparecendo em sua fala a motivação e a euforia ao narrar em detalhes as situações vivenciadas. Compreende-se, assim, como os ENF's contribuem para a aprendizagem por fazer emergir emoções e sentimentos estabelecendo associação com os conteúdos desenvolvidos no ambiente, motivando os estudantes a aprenderem em um espaço natural ou urbano através da interação e contextualização (OLIVEIRA; GASTAL, 2009; ROCHA; TERÁN, 2010).

Rocha e Terán (2010) aprofundam a questão, afirmando também que as aulas desenvolvidas nos ENF's ficam marcadas na memória dos estudantes, algo constatado em suas falas e nos desenhos, pois os estudantes resgataram da memória viagens de estudos que ocorreram há dois ou três anos, relatando com brilho no olhar de alegria as atividades vivenciadas, lembrando da proposta de estudos e das brincadeiras entre colegas. Os autores consideram de extrema importância a articulação entre emoções e sentimentos com experiências sensoriais, auditivas e olfativas para o desenvolvimento e aquisição do conhecimento (ROCHA; TERÁN, 2010).

Nunes (2013) afirma que as emoções resultantes de atividades escolares são importantes, uma vez que os estudantes se envolvem com as propostas dos professores de forma a contribuir para a sua aprendizagem, ou seja: é através dos

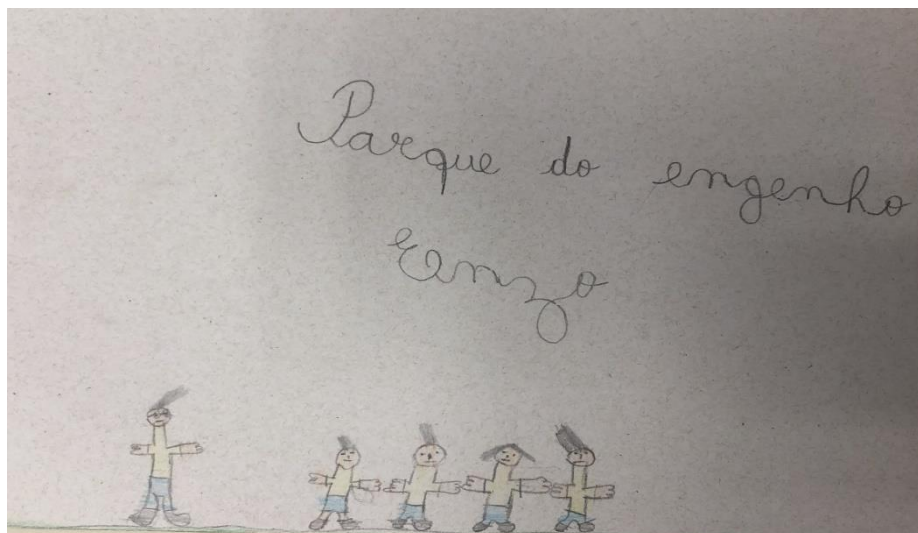
sentimentos que a aquisição do conhecimento se torna um processo mais cativante, leve e sensível. Almeida (2016) refere a importância do educador em desenvolver atividades que fortaleçam as emoções dos estudantes, considerando-os em sua subjetividade e complexidade, ao “considerar um aluno como parte de um contexto social diverso, com um ser carregado de emoções e sentimentos particulares” (p. 9). As autoras ainda reiteram que o processo educativo de um ser humano deve abranger não somente os aspectos cognitivos e intelectuais, mas também incluir a dimensão emocional, subjetiva, cultural, biológica e da realidade social em que o estudante está inserido, para que a aprendizagem seja significativa (NUNES, 2013), e para isso “as emoções são instrumentos essenciais para o desenvolvimento do ser humano em sua totalidade” (ALMEIDA, 2016, p. 11).

Outro ponto que surgiu das falas e também dos desenhos (figura 3) foi a relação entre laços afetivos de amizade e aprendizado que eles relatam gostarem das viagens de estudos, pois são momentos em que “*a gente tá com nossos amigos, a gente tem comida boa, a gente se diverte*” (sic) e também porque “*é muito chato ficar dentro da sala*” (sic). Nota-se que as crianças aprendem não somente com os professores, mas também com a família e com os colegas na escola e, para Leocádio (2013), a interação em grupos de crianças propicia o desenvolvimento interpessoal e cognitivo e favorece a socialização, a troca de conhecimentos e opiniões. Além disso, a autora aponta que as amizades conquistadas na escola também caracterizam-se por auxiliar no desenvolvimento social, humano, intelectual e cognitivo das crianças, pois as crianças também aprendem brincando umas com as outras.

Outra questão referida por Leocádio (2013) é que há troca de aprendizado nas experiências educativas vivenciadas ao lado dos amigos, ou por meio de conversas e de brincadeiras, da diferença dos pontos de vista, da construção e da descoberta de informações novas, ou da realidade social dos colegas e do entendimento cultural, resultando também na construção da subjetividade das crianças. Nos desenhos dos estudantes há a presença dos amigos nas situações de aprendizagem. Uma das crianças desenhou os amigos e a professora na prática educativa realizada no Parque do Engenho, e, ao explicá-lo, posteriormente, no grupo focal, nomeou os colegas e o

guia relatando que “como não tinha muito espaço eu fiz aqui era lá onde que era a entrada [do Parque do Engenho] e aqui tem aquela folha que o Gabriel [guia do local] mostrou, e aqui era o parque lá nas, que ganhou do Otávio [colega], e aqui era a roda” (sic).

Figura 3 – Representação de uma atividade realizada em um parque, produzido por aluno da Educação Infantil



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Constata-se também a importância dada pelos estudantes em idade escolar para a família como uma instituição responsável pela aprendizagem e desenvolvimento crítico, reflexivo e humano, como ilustra a figura 4. Dessen e Polónia (2007) qualificam a família como um espaço de construção de valores sociais, culturais e regras, em que as crianças “aprendem as diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir as suas relações sociais” (p. 22) com um olhar crítico e reflexivo frente às questões sociais.

Segundo Dessen e Polónia (2007), a família apresenta-se também como uma rede de apoio para as crianças em situações de conflito, para o desenvolvimento da autonomia e de formas de expressão, assim como possui o papel de estimular as crianças e propiciar a elas situações de aprendizagem. As autoras complementam que a inter-relação da família com a escola tem influência na aquisição de conhecimento em que a primeira manifesta iniciativas de aproximação com a rotina escolar dos filhos, ou auxiliando nas tarefas de casa ou oferecendo momentos de estudos (DESSEN; POLONIA, 2007), como trazido na fala de um estudante: “eu fui

ver, eu fui várias vezes ver com a minha dinda os bichos empalhados” (sic) e também “esse lugar [interessante para aprendizagem] seria no meu pensamento, na minha casa, dentro e fora da escola a gente aprende. A escola com os professores e fora da escola com os nossos queridos pais” (sic).

Figura 4 - Representação de uma atividade em família, produzido por aluno da Educação Infantil



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Quando questionados se gostam de ter aula em espaços fora da escola, todos estudantes responderam que sim, e em relação às atividades já desenvolvidas pelos professores nesses espaços, todos gostaram, sentindo-se felizes, animados, encantados, alegres, pela diversão e pelo estudo. Percebe-se, desta forma, que a motivação para o aprender está ligada à curiosidade pelo novo e desconhecido, provocando sentimentos e emoções de felicidade e euforia ao vivenciar situações de aprendizagem nos ENF, momentos em que os educandos estiveram com seus amigos e família, divertindo-se e aprendendo com autonomia e liberdade que os ENF proporcionam. E por ser um local mais próximo de sua realidade cotidiana, pois para eles uma aula interessante seria *“eu gostaria vendo isso, tipo vendo as transformações da água, tipo a fusão, ver na vida real isso” (sic)*, sendo verificado na presente pesquisa que os estudantes preferem aprender experimentando, pois, conforme Oliveira e Gastal (2009), o conhecimento será compreendido de uma forma mais palpável quando o

estudante entra em contato tanto com o objeto de estudo quanto na interação com colegas, professores e família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, observamos que os estudantes não percebem as atividades pedagógicas nos ENF's tanto institucionalizados quanto não-institucionalizados como 'aula', pois têm internalizado fortemente que aula ocorre somente no espaço da sala de aula tradicional das escolas. Há a cristalização e confusão em, que para aprender, há a necessidade da presença dos materiais escolares como papel e caneta, e também a estrutura física da sala de aula, como cadeiras e mesas. Em suas falas a aula confunde-se com a sala de aula; então, as viagens de estudos não são definidas claramente como uma aula. Quando questionados onde seria uma aula interessante e qual assunto os deixam curiosos para aprender, os locais que mais apareceram foram ENF's institucionalizados como ambientes dentro da Instituição Univates visitados por meio da escola ou com a família e amigos. Relataram também que gostam muito quando vão a outros locais, tanto em função do aprendizado e por sair de dentro da sala de aula quanto também por se divertir com amigos. As saídas aos ENF's são narradas pelos estudantes com animação, explicando as situações vivenciadas, as descobertas feitas e materializam-se nos desenhos das crianças. Observa-se como a presença da família e amigos está entrelaçada e potencializa o desenvolvimento cognitivo e social das crianças, em que tanto a família como os amigos participam dos momentos de aprender e constroem em conjunto por meio do diálogo novos conhecimentos.

Essas discussões devem inquietar-nos e ao mesmo tempo fazer-nos pensar nos conceitos que nossos alunos têm em relação à aula, aos espaços de ensino e suas potencialidades. Da mesma, pensar em como os diferentes espaços são potentes para os processos de ensino e de aprendizagem e que devem ser plenamente aproveitados pedagogicamente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. N. As contribuições das emoções no processo ensino e aprendizagem. *In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SABERES PARA UMA CIDADANIA PLANETÁRIA*, 1., 2016, Fortaleza. *Anais [...]* Fortaleza, 2016, p. 1-12.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. (reimp.). São Paulo: Edições 70, 2016.

BRAZ, M; SILVEIRA, C. T. M. A. O espaço sala de aula e sua organização como elemento constituidor/potencializador das aprendizagens na Educação Infantil. *Universo Acadêmico*, Taquara, v. 7, n. 1, p. 159-178, jan./dez. 2014.

BRAZÃO, P. O diário do diário etnográfico electrónico. *In: SOUSA, J. M.; FINO, C. N.* (orgs). *A escola sob suspeita*. Porto: Asa Editores, 2007, p. 289-307.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-36, jan./abr. 2007.

FARIA FILHO, L. M.; VIDAL, D. G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 19-34, mai./ago. 2000.

GARDNER, H. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

HENCKES, S. B. R; STROHSCHOEN, A. A. G. Alfabetização científica em espaços não formais de ensino e aprendizagem. *Revista Práxis*, v. 11, n. 22, dezembro de 2019.

IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JACOBUCCHI, D. F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. *Em extensão*, Uberlândia, v. 7, 2008.

LEOCÁDIO, C. S. P. **As relações de amizade nas crianças em idade pré-escolar**. Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar. Universidade do Algarve. Faro, 2013.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NUNES, V. **O papel das emoções na educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. E-book. Disponível em: <

<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/2585/pdf/0>> Acesso em: 09 dez. 2019.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. **A escola vista pelas crianças**. Portugal: Porto Editora, 2008.

OLIVEIRA, R. I. R.; GASTAL, M. L. A. Educação formal fora da sala de aula - olhares sobre o ensino de Ciências utilizando espaços não-formais. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS*, 7. 2009, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: ABRAPEC, 2009.

PILLAR, A. D. **Desenho e construção de conhecimento na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

RIBEIRO, J. A. G. (org.). **Espaços não-formais de ensino: contribuições de professores de Ciências e Biologia em formação**. São Paulo: UNESP/FC, 2013. E-book.

RIBEIRO, S. L. Espaço escolar: um elemento (in)visível no currículo. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 31, p. 103-118, jul./dez. 2004.

RIBEIRO, V. M. B.; RIBEIRO, A. M. B. A aula e a sala de aula: um espaço-tempo de produção de conhecimento. **Rev. Col. Bras. Cir.**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, p. 71-76, 2011.

ROCHA, S. C. B.; TERÁN, A. F. **O uso dos espaços não-formais como estratégia para o ensino de ciências**. Manaus: UEA Edições, 2010.

RODRIGUES, S. A.; BORGES, T. F. P.; SILVA, A. S. “Com olhos de criança”: a metodologia de pesquisa com crianças pequenas no cenário brasileiro. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 25, n. 2, p. 270-290, mai./ago. 2014.

SANTOS, S. C. S. Espaços educativos científicos: formal, não formal e informal. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 9, n. 20, p. 98-107, n. especial, 2016.

SILVA, D.; ROBAINA, J. V. L. Identificação e contribuições dos espaços não formais para ensino e aprendizagem em Ciências da Natureza: estado da arte sobre a temática. **Revista Insignare Scientia**, v. 5, n. 1, jan/abr. 2022.

SILVA, D. A.; ROBAINA, J. V. L.; FERREIRA, A. G.; SOUZA, G. Misturas, artesanais e autonomia: Ensino e aprendizagem em ciências da natureza em um espaço não formal. **Revista Insignare Scientia**, v. 4, n. 2, p. 77-83, 2021.

SILVA, T. G. **Estudo sobre a relação da cognição e emoção na construção do saber científico nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. S. f. 2012. (Monografia de

Graduação). Curso de Licenciatura em Pedagogia. Escola Normal Superior. Universidade do Estado do Amazonas. Manaus: UEA, 2012.

SILVEIRA, L. B. B.; CORRÊA, T. M.; BROIETTI, F. C. D; STANZANI, E. L. Percepções de estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental sobre Ciências Naturais. **Revista Góndola, Enseñanza y Aprendizaje de las Ciencias**, Colombia, v. 10, n. 2, p. 73-87, 2015.

TEIXEIRA, et al. A inteligência naturalista e a educação em espaços não formais: um novo caminho para a educação científica. *In*: TERÁN, A. F.; SANTOS, S. C. S. (orgs). **Ensino de Ciências em Espaços não Formais Amazônicos**. 1 ed. Curitiba: Editora CRV, 2014.

VEIGA, I. P. A. (org.). **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2012.

VELLOSO, M. P.; GUIMARÃES, M. B. L. A imagem na pesquisa qualitativa em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 245-252, 2013.